

# COSMO LITTERARIO

Redactor M. A. Major

Anno I

N. 12

## Cosmo Litterario

Rio, 29 de Maio de 1864

Terminâmos o nosso primeiro trimestre não sem lutar, não sem superar dificuldades: com tudo havêmos tocado ao primeiro marco: já temos um passado a contar e um futuro a aguardar; do passado resta-nos penares é a gratidão para com o público, do futuro quem sabe o que esperamos e quem sabe o que nos busca? Talvez um tempo sereno e calmo, talvez uma procella de horíveis trovões e furiosos ventos?

O jornal litterario traz consigo o útil; porém para alcançar essa regalia é preciso o mais das vezes chegar aos lábios a taça amarga das provações, é as vezes necessário tragar o último sôrvo das angustias, e ainda assim nem sempre pôde-se gozar o que se almeja.

Moysés via a Chanaan e os quarenta annos de romagem não fôrão suficientes para entrar na terra promettida.

Nós porém temos resignação — e é bastante para trabalhar e sofrer.

A felicidade e o infortunio não nos serão novidade, já experimentámos este, já gozâmos aquella. Portanto soffrer ou gozar ser-nos-ha apenas a pequena questão de mais ou menos tormento.

O desejo de estudar escrevendo collocou-nos nesta posição, e o *Cosmo Litterario* também pôde servir de pelouriño aquem aspirou melhores couzas.

A rocha Tarpeia pôde lobrigar-nos; porém não nos terroriza.

O Capitolio é bello e não nos cega.

Trabalhemos e o público far-nos-ha justiça.

*A Redacção.*

## Os Miseraveis verdadeiros

### Romance original

DE

Manoel Antônio Major

PARTE PRIMEIRA

VI

O miseravel salteador e o miseravel plutocrata.

(Continuação do numero antecedente)

Momentos depois, era introduzido em uma sala forrada do carmezim, cuja mobilia moderna, painéis e mil outras cousas significavão o luxo esplendido. Tapetes de Aubusson occultavão o assoalho, grandes espelhos de Sant-Gobain, e tapeçarias de Beauvais concluião aquilo que os outros moveis expressavão.

Um mancebo de trinta annos, baixo e magro, de olhos encovados, lábios grossos e nariz afilado, estava deitado em um divan lendo o *Paraizo Perdido de Milton*: Era o Sr. Nicolão Alexandre, Conde de Feutry, commendador da Legião d'Honra, deputado por Paris e gentil-ho-

## Parte Litteraria

### Refutação da carta primeira.

ACERCA DA COMPANHIA DE JESUS, OU DOS FACTOS PRATICADOS PELOS JESUITAS, — DIRIGIDA AO MEU AMIGO O SR. CUNHA AVELLAR.

Escrevendo a refutação da primeira carta de V. S<sup>a</sup>., tive imediatamente em mira destruir os argumentos erronéos, apresentar a verdade apesar de tudo e ainda mesmo contra tudo; emprchendi, eu conheço, uma tarefa difícil porém esforçarei-me em colher beneficos resultados; baterei-me sempre imparcial e disposto a passar para o lado contrario uma vez que o talento e os recursos litterarios de V. S<sup>a</sup>. me manifestem o erro em que laborar, e se este facto der-se resta-me a consolação de conhecer minha ineptia.

V. S<sup>a</sup>. porém já nós avisou que não pedirá *capitulação*, prova inexequível de que V. S<sup>a</sup>. está mui senhor de todos os seus argumentos e basea-se em solidas idéas; quem sabe porém o que acontecerá?

V. S<sup>a</sup>. encontrará, em mim, um fraco porém leal adversario, um adversario de recursos diminuitissimos; porém corajoso e que tem crenças e convicções, crenças que não morrem e convicções que não quebrão-se.

A historia tem em suas paginas certos factos, que a distancia ou a proximidade das epochas tolhe observal-os da mesma maneira; porque eivados n'um prisma, onde phantasias douradas esvoaçam-lhe em torno, parecem ás vezes patentear tal ou qual caracter, tal ou qual idéa; outras vezes porém, despidos das vestes da poesia e expostos a analyse sensata da philosophia, elles se manifestão taes quaes são e por isso quan-

mem da camara de Luiz XVIII: alem disto era riquissimo; apezar de seu pai ter sido victima da revolução e seus bens confiscados; seu nome era valioso, e uma recommendação sua equivalia uma ordem; era devasso como um oriental, cynico e impertinente como um inglez.

Na sociedade fallava inglez, porque fora quasi educado na Inglaterra, ou então sobre deboches e orgias porque nisso era grão-mestre: no paço citava versos de Ovidio por phabulas de Ezopo, maximas de Rochefoucauld por canções de Chaucer; na camara elogiava o merito da raça dos cavallos arabes sobre os demais, sobresahia no conhecimento dos idiomas dos quadrupedes; emfim era um desses homens, que os vãos caprichos cobrem de honra, e que servem de escarneo e irrição perante os homens sensatos. Herdeiro de brazões illustres, deve, como julga a sociedade, ser illustre, e digamos de nós para nós que até nisto vê-se a mão inflexivel do progresso, que vai destruindo os prejuizos a custa de seus propios obreiros, vê-se ahi mesmo a igualdade encaminhando-se entre uma fileira de candidos lyrios derrubando só com o esplendor de seu brilhantismo e de sua simplicidade os deleterios archotes da desigualdade, fundada no orgulho e apoiada no vicio.

(Continua)

tas não são as ocasiões em que se engana-se no primeiro juizo por não se ter deduzido consequencias exactas e investigado bases verdadeiras, onde fundamente-se os argumentos?

Infelizmente ainda hoje muitos d'entre nós se illudem e se enganão; porque não hão querido supportar as fadigas de um estudo arido sim porém util; infelizmente porém muitos d'entre nós, adormecendo aos contos de qualquer escriptor sem primeiro julgal-o imparcial e com as qualidades necessarias para historiar, vão apressurádos derramar em todos os lugares theorias falsas e erronéas, extractos por certo de máos pensamentos.

A companhia de Jesus é um d'esses factos, onde as opiniões aparecem e desaparecem, onde os juizes criticos esbatão-se e onde finalmente vê-se os pareceres illustrados e sensatos de uns e as idéas apaixonadas e falsas de outros.

O universo atesta os serviços dos jesuitas — e um punhado de homens, cegos aos painéis de suas gigantescas campanhas, onde o vencido era mais um — christão e o vencedor — Deos, desconhece todos os seus serviços e esquece todas as suas obras, como se não houvesse uma voz, como a voz da historia, que falla mais alta do que todas essas murmurações e do que toda essa grita confusa que só suspira pelas calamidades.

Julguemos nós outros todos os actos dos jesuitas estudando todos os seus passos, investigando todas as suas peregrinações, avaliando as epochas e os povos, pesando as dificuldades e obstaculos; porém julguemos — livres de prevenções — apoiados em escriptores imparciaes e julguemos porém mais pelos principios; porque é só nos principios que se pôde avaliar a perfectibilidade das idéas, enquanto que nos factos avalia-se apenas a boa ou má execução de idéas, que aplaudiu-se ou reprovou-se.

Discutir-se com factos e só com factos é patentear a carência de principios, é o mesmo que nada avançar no terreno das discussões, porque ao facto oppõe-se o facto enquanto que ao principio antes de oppor-se um outro principio é preciso derrocar o edificio de um para erguer no mesmo solo um outro edificio, é emsím necessário que o obreiro tanto saiba construir como destruir.

Entrêmos porém na materia, vejamos a sociedade de Jesus tal qual é.

*Eu direi a prodigiosa influencia que esta sociedade exerceu sobre a religião, por seus sanctos, por seus apostolos, por seus theologos, por seus oradores, por seus moralistas; sobre os reis por seus confessores e por seus diplomatas; sobre os povos por sua charidade e por seus doutos preceitos; sobre a litteratura, por seus poetas, por seus historiadores, por seus sabios e por seus escriptores d'un gosto e d'un estylo tão puro que hão enriquecido todos os idiomas (1).*

Antes porém de apreciar as desordens do seculo, em que nasceu essa instituição, antes de desenvolver os argumentos e muito antes de apresentar todos os toques biographicos de Ignacio de Loyola, eu direi como Cretineau Joly; *Os jesuitas não me virão entre os seus neophytes. Eu não tenho sido*

*nem seu amigo, nem seu admirador, nem seu adversario. Eu não sou d'elles, nem com elles, nem por elles e nem contra elles. Eu os não conhecia nem pela injuria e nem pela gratidão (1).*

O drama que se representava em taes éras, era um drama que tinha um pé na tragedia e outro na comedia, era um drama sanguinolento e jocoso; tragicó pelas grandes paixões que atemorisaõ, comico pelas ridiculas fraquezas que incitão a compaixão: De um lado Wiclef e João Huss vomitão heresias, Mahomet II cobre de louros o Crescente, as facções de Yorck e Lancastre trucidão-se, Luiz XI abate os feudos e mina os alicerces da casa de Borgonha, Scandeberg illustra-se enquanto os reis, em querellas theologicas, não vião o domínio dos Turcos, os Suíssos escarnem, em Granson e Morat, de Carlos o Temerario, Alexandre VI e Julio II honrão pouco a thiára; de outro lado Guttemberg inventa a imprensa, Bartholomeu Dias chega ao cabo das Tormentas, Colombo descobre um mundo, Vasco da Gama traça a derrota das Indias, Pizarro descobre o Perú e os Portuguezes o Brazil; taes são as scenas que nós representão as peripecias do seculo, se porém depois de acompanhar tal marcha de acontecimentos, chegar-se ao verdadeiro ponto, então o painel é mais vasto e mais digno de attenção.

Luther erguia-se na Allemanha forjando as armas com que devia ferir a religião, Sannasar em bellos versos latinos, cantava o christianismo; Luther transformava a Allemanha atirando-a na desordem, seitas de todas as dimensões, seitas de todos as qualidades formigavão aqui e ali, e enquanto os reis e os principios bailavão no palco das paixões esquecidos de seus deveres, um homem, cuja vida nunca fôra desregrada, nem tão pouco dissipada pois já tivera abandonado as galas da corte para confundir-se no pó dos combates com o menor dos soldados, abandona o campo das glórias para confundir-se no pó social com o menor dos entes.

Inigo Lopes Recalda torna-se Ignacio de Loyola, isto quer dizer que o fidalgo de gloriosas reminiscencias era um justo.

Antes de passarmos avante, diremos que o *auctor da primeira carta acerca dos Jesuitas* caiu em dous erros dizendo que Ignacio de Loyola tivera uma vida *dissipada e desregrada* e disendo mais que fôra perseguido pela Inquisição, que *acenou-lhe com os seus terríveis calabouços e horriveis fogueiras*.

No primeiro caso errou porque Ignacio de Loyola fôra sempre o homem exemplar, o fidalgo lhâno e generoso, o soldado, cuja conversação agradava e cujos actos estavão em harmonia com a pureza de sua alma e que o digão seus irmãos d'armas e que o digão seus contemporaneos e as provas do processo de sua canonização.

No segundo caso errou porque a perseguição não emanou da Inquisição, como o provão, se quiser-se consultar, as chronicas do seu tempo; a perseguição partiu dos despregrados:

Ignacio insultado porque esmollava para os pobres, apodado porque reformava os conventos das freiras, esquecidas

(1) Hist. dos jesuitas por Cretineau Joly, pag. 1, tom. I.

(1) Hist. dos jesuitas por Cretineau Joly, pag. 2, tom. I.

de seus deveres; eis o que nos narra a historia imparcial e verdadeira. Ignacio convertendo ovelhas perdidas e transformando em mansos cordeiros os esfaimados lobos do lutheranismo; eis os florões soberbos que brilham em sua biography, e dizer-se que a Inquisição perseguiu o apostolo do Christianismo é ou não saber a missão da Inquisição ou ignorar-se quais eram as doutrinas que Ignacio ensinava.

Alem de dous erros contra as quais protesta a historia, ainda encontra-se, na mesma carta tres inexactidões: *O autor diz que o edificio jesuitico flagellou o genero humano por tres seculos*; S. S. porém não prova ou porque nos julga sempre dispostos a aceitar todas as suas proposições sem estarem provadas, ou então porque as julga provadas; tanto em um como em outro caso, não aceitamos sua acusação porque enquanto houverem homens, elles lembrarão-se ao menos das Missões; porque enquanto houverem idéas, ellas nos representarão a abnegação e a utilidade d'aquelle instituição mais perfeita que tem produzido o espirito do Christianismo. (1)

O author da primeira carta accusa os jesuitas de terem envenenado a Clemente XIII e XIV, esta accusação porém, encoberta com o titulo de um *escriptor* que S. S. não cita, destituida da verdade cahe uma vez que escriptores, como Mr. Arnault na sua *Historia dos Papas*, negão semelhante attentado. E demais é pouco licito refugiar-se no campo da falsidade para ferir uma corporação, como a de Jesus, cujos bons feitos são patentes, e nivelar-se á esphera da traição e da insidiao.

Prosigamos, visto termos refutado tudo que não é conveniente nem tão pouco certo.

Fallemos de Ignacio: *Elle deitára-se soldado e erguera-se christão, mas um christão que, nos transportes de sua charidade, podia conceber cousas gigantescas.* (2)

Omittamos alguma cousa para mais tarde sobre ella falar com mais desenvolvimento; porque em Ignacio só vemos virtude, porque no voto de Mont-martre só divisamos o primeiro canto da sublime epopéa, porque emfim na castidade, pobresa e obediencia para que nos chama S. S. vemos com prazer o espirito vencendo a materia, vemos e vemos com atenção alguns jesuitas, para furtarem-se ás tentações carnaes, escreverem, nas areias brasileiras com a ponta do seu bordão, esses versos de um poema, que até hoje ha merecido as sympathias da posteridade.

Temos em nosso favor Bossuet o *christão*, Bacon o *protestante* e o mesmo Voltaire, cujas opiniões citaremos mais tarde; em conclusão porém, diremos que acampados no terreno da verdade, estamos dispostos a sustentá-la ainda que contra nós pugnassem as cohortes inteiras de errados principios, seremos acabrunhados pelo numero, porém como o spartano, morreremos e a nossa ultima phrase e o nosso ultimo ai ainda será um brado em prol da verdade (3).

M. A. Major.

(1) Legislation primitive de Bonald, Tom. 2.<sup>o</sup>.

(2) Historia dos Jesuitas de C. Joly.

(3) Este trabalho foi lido nos Ensaios Litterarios na sessão de 22 do corrente.

## CONCEPÇÕES E PHANTASIAS

### PAGINA DECIMA PRIMEIRA.

#### Philosophia à eito.

O elemento constitutivo da inercia é simplesmente poder. A noção de poder não tem elementos constitutivos.

A noção de substancia se identifica na mesma de poder.

Apezar disto pretendão alguns philozophos descobrir os elementos da natureza inerte:

Leibnitz affirmou que crão os monadas, Aristoteles a *materia* e a *forma*:

Descartes a *extensão*, Leuciper e Democrito os *atomos*.

Esta divergência de opiniões suscitou as duvidas de Berkeley: que se a materia existe, deve ser extensa e portanto invariavel.

Suscitou tambem as duvidas de Zenon: que se a materia é simples não pode ser extensa; se composta falta-lhe a unidade e portanto é divizivel ao infinito.

Respondamos:

O espaço não é capacidade de receber.

O corpo não é capacidade de preencher.

A grandeza não é mais do que a extenção de affirmação finita.

A sua determinação objectiva deve ser á *posteriori*; pois não tem accão absoluta.

Não ha no espaço uma grandeza absoluta.

Descartes concorda com Aristoteles de que o espaço não é distincto do corpo.

Leibnitz diz que o espaço é uma relação estabelecida não somente entre o ser real, mas tambem o possivel.

Nega por consequencia a possibilidade do *vazio* por ser contrario a perfeição divina.

A distancia é a intercepção de um corpo.

Não pode haver distancia senão entre corpos.

Desaparecendo o espaço intermediario entre dous corpos a distancia desaparece.

A existencia da gravidade não se determina á *priori*.

E um corpo isolado, como o espirito, não é susceptivel de movimento.

Não sendo susceptivel de movimento nem é contrario a natureza do movimento, nem tão pouco põe limites ao ser.

Que o affirmem os philozophos.

Estas idéas a eito são apenas esboços philosophicos.

Estes pensamentos são as idéas que a tal respeito temos.

Merecem ser lidos; porque, na expressão de Herculano, toda pagina tem valor intrinseco.

## Parte Poetica

### Meus desejos.

#### D. D. C. á meu amigo Leite de Campos.

A sós na espessura de bosques sombrios,  
ao ruido da aragem, da brisa ao rumôr,  
meus hymnos soltando c'a rôla queixosa,  
em cantos saudosos, n'ausencia do amôr:

Saudosos harpejos e threnos sonoros  
na Lyra quizera saber exprimir;  
saudades, tristeza, pensares e prantos  
nas cordas mimosas queria espargir.

De noite sentado á beira do már  
quizera sosinho saudades carpir;  
então nessas horas de terno silencio,  
o pranto queria c'as vagas unir.

Rio, 12 de Maio de 1864.

L. M.

### Queixumes.

#### C. C.

Como é triste o meu viver.  
J. A. A. d'Azevedo.

N'este ermo d'enganos do mundo  
Eu triste vivo sempre a soffrer!  
Sem ter sequer uma esp'rança...  
Como é triste o meu viver!

Qual rosa viçosa na madrugada  
Que o sol com seus raios faz morrer!  
Assim vai crescendo a minha dôr...  
Como é pois triste o meu viver!

Eu quizera abandonar o mundo...  
Para jámais... jámais te ver...  
Só assim morre o meu tormento  
Como é triste o meu viver!

Eu não quiz amar-te... era tarde...  
Infeliz já não me pude conter!  
Vacillei, quiz recuar... não pude;  
Como é triste o meu viver!

N'este ermo d'enganos do mundo  
Eu triste vivo sempre a soffrer!  
Sem ter sequer uma esp'rança...  
Como é triste o meu viver!

Manoel Antonio Peixoto.

## Parte Recreativa

#### O JORNAL DO DOMINGO

Ainda bruxoleava a ultima tocha dos preconceitos antigos, ainda crepitava o derradeiro cyrio dos banqueteares anti-sociaes e já apparecia no horizonte do socialismo um astro predestinado a offuscar todos os demais e a espargir radicalmente globos infindos da luz a mais brilhante — como é a luz da imprensa.

Guttemberg foi um d'esses homens, aquem a posteridade não pôde esquecer ainda que o quizesse, é um d'esses genios, cuja missão é coadjuvar a humanidade.

Apenas a imprensa começou a funcionar o mundo creou novas forças, os conhecimentos ampliarão-se, a instrucção tornou-se um alimento mais geral e o povo, que até então jazia no esquecimento e no captiveiro, sentiu novo sangue correr-lhe nas veias, viu suas idéas crescerem e seu intelecto desenvolver-se, então applaudiu e Guttemberg foi mais do que um mytho foi um semi-deos.

Apoz uma maravilha ou vem outra ou então torna-se para o ridiculo, isto é quando estamos no bello, ou sentimos o sublime ou cahimos na fêaldade.

A imprensa trouxe o periodico.

O livro era um apostolo de missão acanhada, ao periodico coube-lhe uma missão gigantesca.

O periodico estreou e o povo applaudio.

Era o brado das gerações novas applaudindo a luz, era a humanidade saudando as almenáras do progresso.

Não é necessário historiar a marcha do periodico, todos o sabem e todos o conhecem, não é preciso contar porem que a apathia reina hoje em todas as classes e que estas já olhão indiferentes para os novos apostolos, não o é preciso por que isto é geral e notorio.

O *Jornal do Domingo* apareceu e todos esses periodicos — irmãos de crenças emmudecerão e não derão nem um *salve* á esse novel soldado das lides litterarias.

Será porque achão sua missão por demais difícil ou porque o não encontrão capaz de preencher seus fins?

No primeiro como no segundo caso não achamos razão plausivel; porque quer em um, quer em outro o brado de animação devia ser o *salve* de todos e não a mudez e o indiferentismo.

O povo calou-se porque aos seus ouvidos apenas chegarão murmurios, e no entanto o *Jornal do Domingo* é para nós o periodico mais necessário e util.

Necessary e util porque destina-se a diffundir os conhecimentos uteis e necessarios a aquelles, cujos afazeres não offerecem occasião paaa estudar o que lhes é conveniente e preciso.

Nós outros assim pensamos, e como estamos convictos da missão e boa execução dos principios constitutivos da liberdade e da illustração a que se propõe o *Jornal do Domingo*, fazemos votos para a sua prosperidade.

(Da Redacção.)